

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) legou à Europa e ao mundo um cenário de devastação material e humana sem precedentes na contemporaneidade. Os avanços a Leste e a Oeste das tropas alemãs, conduziram a um afluxo de milhares de judeus e não-judeus nos territórios europeus. A fuga prosseguia à medida que os territórios onde se encontravam iam sendo sucessivamente invadidos e ocupados pelos nazis. Neste período, milhares de refugiados chegaram a Portugal e por aí transitaram para os territórios além-mar, sobretudo, para o continente americano. A sua presença não era, todavia, bem aceite pela maior parte dos governos europeus, pois estes viam nos refugiados um inconveniente político e uma ameaça socioeconómica. Portugal não foi exceção. Apesar do clima de hospitalidade, é importante desmistificar a ideia de que Portugal acolheu todos os «indesejáveis» que a Europa violentou e expulsou.

O estudo que aqui se apresenta resulta de uma expressa vontade em recuperar a memória dos refugiados que encontraram nas Caldas da Rainha o seu porto de abrigo, entre os anos de 1940 a 1946. Num momento em que a crise dos refugiados enche as manchetes dos jornais e regressa impetuosamente às agendas europeias e mundiais, considerou-se fundamental fazer emergir das profundezas esse passado tão presente. As perseguições, a guerra e as dificuldades que experimentaram na sua fuga até conseguirem aportar com segurança nesta cidade portuguesa, bem como as vivências que aí foram desenvolvendo ao longo dos anos, compuseram os alicerces que edificam este trabalho. Procurou-se responder a uma série de perguntas – quem eram? de onde vinham? de que fugiam? como foram recebidos pela população caldense? – de forma a contribuir para a análise da sua presença e do impacto que esta causou na localidade. Uma coisa é certa: nas Caldas, o receio e a desconfiança da circunstância deram lugar ao ânimo e à esperança no futuro. ■ ■ ■

APOIO



CALDAS DA RAINHA  
Câmara Municipal

CAROLINA H. PEREIRA

Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940 - 1946)

CAROLINA HENRIQUES PEREIRA

# REFUGIADOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NAS CALDAS DA RAINHA (1940 - 1946)

Edições Colibri



## PREFÁCIO

Na primavera do ano de 1940, a partir do momento em que a França é ocupada pelas tropas alemãs começam a chegar a Portugal milhares de refugiados. Alemães, franceses, belgas, polacos, checoslovacos, entre outras nacionalidades, de origem judaica, na sua maioria, constituem uma massa humana linguística e culturalmente heterogênea, em fuga da devastação da Europa central, representando o nosso país a porta atlântica para os restantes continentes, em particular para a América, entendida como terra de promessa.

O agravamento da situação política e social europeia leva o regime salazarista a permitir, ainda que com apertadas e progressivas restrições à medida que os fluxos migratórios se massificam, a permanência temporária no país desses contingentes humanos, enquanto aguardam pelo dia de embarque. O receio de perturbação da ordem pública e de difusão, pela população portuguesa, de ideais políticos e ideológicos subversivos, sobretudo comunistas, impôs uma política de “repressão-dissuasão”, canalizando-se os refugiados para “zonas de residência fixa”, fora dos principais centros urbanos, onde eram mais facilmente controlados e vigiados pela polícia política.

A obra *Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)* (Lisboa: Edições Colibri, 2017), de Carolina Henriques Pereira, que reproduz, quase na íntegra, a sua dissertação de mestrado em História, Ramo de História Contemporânea, defendida no ano de 2017, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, oferece-nos uma panorâmica da problemática histórica do acolhimento de refugiados em Portugal durante a segunda grande guerra, tomando como cerne da sua análise o caso específico da “residência fixa” das Caldas da Rainha, uma das localidades da região centro que funcionou como zona de permanência obrigatória.

Porém, mais do que a visão sintética de trabalhos anteriores, a autora procede a uma análise profundamente original e criativa, ao cruzar a

história política com a história social e com a história da vida quotidiana. Com rigor e minúcia, resgata memórias de uma cidade termal que, de repente, é confrontada com centenas de estrangeiros em fuga, traumatizados pelo medo e pelo sofrimento, não obstante o município das Caldas da Rainha ter no seu passado próximo, um relevante histórico de receção a refugiados de conflitos armados, a exemplo dos *Boers*, nos inícios do século XX, de prisioneiros alemães, ao tempo da I Grande Guerra e de espanhóis fugidos à Guerra Civil, entre 1936 e 1939.

A singularidade da obra de Carolina Henriques Pereira manifesta-se, ainda, na utilização de fontes pouco usuais neste tipo de problemática, tendo recorrido, entre outros núcleos documentais, a fontes camarárias e distritais, depositadas no Arquivo Municipal das Caldas da Rainha e Distrital de Leiria. Quanto à metodologia de trabalho, privilegiou o cruzamento de fontes nacionais com internacionais, socorrendo-se, neste segundo caso, de listagens de refugiados disponíveis em arquivos *on line* do *American Jewish Joint Distribution Committee* e da *Aristides de Sousa Mendes Foundation*.

Com habilidade, a autora concilia a história local com o enquadramento internacional, oferecendo-nos leituras plurais da questão do refúgio, dando um contributo sólido para a história política, para a história social e para a história da urbe caldense, tudo numa narrativa sabiamente urdida, reveladora de um esforço significativo de busca de informação e de fontes historiográficas imprescindíveis à reconstituição histórica.

A obra divide-se em cinco capítulos, precedidos por uma introdução relativamente alargada, onde define a problemática central do estudo, identifica as metodologias de trabalho e caracteriza o estado da arte, procedendo a uma breve análise crítica da mais recente produção científica sobre o tema.

Completam o livro a conclusão e um conjunto de anexos, constituído, em grande parte, por fotografias, minutas de documentos administrativos e, muito em especial, pela relação de todos os estrangeiros e refugiados que, entre 1930-1960, passaram pela cidade das Caldas da Rainha, identificando as respetivas nacionalidades, a que acrescenta, sempre que as fontes o permitiram, pequenas resenhas biográficas. Trata-se de uma base de dados que reflete uma pesquisa considerável, de manifesta utilidade, com possibilidade de poder vir a constituir o embrião de futuros estudos monográficos para estudiosos da matéria.

O primeiro capítulo intitulado “(re)pensar o fenómeno do refúgio” versa as diversas formas de auxílio aos refugiados, elencando as prin-

cipais organizações internacionais que lhes prestavam apoio, tecendo, de igual modo, algumas considerações sobre o papel das entidades consulares, destacando, a este nível, a ação humanitária do cônsul de Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, um dos grandes responsáveis pelo afluxo massivo de refugiados ao nosso país na primavera e verão do ano de 1940.

No segundo capítulo, a autora esclarece as razões pelas quais Portugal se constituiu como país de trânsito, “plataforma de esperança” nas suas palavras, e a cidade de Lisboa como principal porto de embarque, debruçando-se, com pormenor sobre as rotas ibéricas da fuga: percursos e meios de transporte utilizados, os infundáveis condicionamentos legais e burocráticos, os respetivos custos financeiros. Finaliza o capítulo com a caracterização genérica das “residências fixas” criadas pelo regime político e o *modus vivendi* imposto aos refugiados, de liberdade e de ação condicionadas.

Os três últimos capítulos são dedicados à cidade das Caldas da Rainha como porto de abrigo. A reflexão principia pela caracterização económica e demográfica da cidade, no período imediatamente anterior à chegada dos refugiados, para se deter, com minúcia e sensibilidade, no impacto que estes vieram a imprimir na sociedade local, renovando e insuflando ventos de modernidade nos comportamentos e em hábitos enraizados.

Acompanha a sua instalação nas residências e nos estabelecimentos turísticos da cidade; analisa o esforço financeiro e político da autarquia no seu acolhimento, em particular no que respeita ao abastecimento alimentar da cidade em período de racionamento; contabiliza o seu número e nacionalidades e reconstitui algumas histórias de vida, resgatando memórias, vivências e experiências em contextos de dolorosa e dilacerante mobilidade. Fixa, assim, por escrito, rastros de vidas pessoais, contrariando os silêncios de tempos de guerra, evitando o esquecimento de quem, por circunstâncias imponderáveis, fez das Caldas da Rainha, por breves meses ou mesmo por longos períodos, a sua “pequena pátria”, a exemplo da luxemburguesa Renée Liberman que afirmava com incontido orgulho “[...] Isto é o meu país, eu considero as Caldas a minha terra”.

Finalmente, aborda a acolhedora hospitalidade da população da cidade aos estrangeiros, não obstante a eclosão de pequenos focos de tensão, habilmente resolvidos. No caso caldense, o desporto, como verdadeira metalinguagem transnacional que é, recorta-se como uma premissa singular de aproximação de nacionalidades. As competições

desportivas, em especial os torneios de ténis, ajudaram a promover a inclusão dos refugiados na vida social local. Aliás, como bem afirma Zygmunt Bauman, o problema da sociedade moderna não é o de eliminar os estrangeiros, mas como viver em conjunto com eles. Este estudo mostra-nos, de formas multifacetadas, como a população urbana das Caldas da Rainha soube conviver e dialogar com outras gentes.

Numa fase em que os livros de memórias e os romances históricos sobre a segunda Grande Guerra suscitam grande interesse do público em geral, chegando ao cinema e à televisão, a leitura do estudo académico de Carolina Henriques Pereira tem o maior interesse e pertinência. O seu valor intrínseco, em particular a importância que tem na recuperação da memória coletiva e patrimonial da cidade das Caldas da Rainha, foi imediatamente reconhecida pela respetiva Câmara Municipal ao apoiar a sua publicação.

Estamos, pois, perante um livro intelectualmente estimulante que nos faz acreditar na tolerância, na capacidade de convívio entre povos e cultos distintos, na Europa dos pluralismos e da diversidade. Quando mais não seja, por este motivo vale a pena a sua leitura...

Irene Vaquinhas

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
/Centro de História da Sociedade e da Cultura

## ÍNDICE

Prefácio.....	7
Siglas e abreviaturas.....	13
Introdução.....	15
Capítulo 1 – (Re)pensar o fenómeno de refúgio: a assistência aos refugiados no segundo quartel do século XX.....	25
1. A multiplicidade no apoio internacional aos refugiados.....	32
1.1. A Conferência de Evian (1938).....	32
1.2. As organizações de auxílio internacional e o papel das entidades consulares: trabalho desenvolvido.....	33
2. O caso do Cônsul Aristides de Sousa Mendes (1885-1954): uma figura prezada ou contestada?.....	37
Capítulo 2 – Portugal, rota de passagem e plataforma de esperança.....	47
2.1. O «paraíso» lisboeta em contraste com o cenário apocalítico da Europa.....	55
2.2. As «residências fixas».....	59
Capítulo 3 – Caldas da Rainha: de cidade termal a porto de abrigo.....	65
3.1. O abastecimento nas Caldas da Rainha (1942-1945).....	70
3.2. Espaços habitacionais dos refugiados nas Caldas da Rainha.....	73
3.3. Os estrangeiros vistos pela imprensa periódica: o caso da Gazeta das Caldas.....	76